



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -
FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
PROFESSOR ORIENTADOR: Me. LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ÁREA: PRODUTO – DOCUMENTÁRIO

CAMILA SCHREIBER CARVALHO
LUÍSA CÂMARA BEROCAN LEITE

**EU, MACHISTA:
RETRATOS DE UM PRECONCEITO**

Brasília

2013



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -
FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
PROFESSOR ORIENTADOR: Me. LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ÁREA: PRODUTO – DOCUMENTÁRIO

CAMILA SCHREIBER CARVALHO
RA 2105428/9
LUÍSA CÂMARA BEROCAN LEITE
RA 2107786/8

**EU, MACHISTA:
RETRATOS DE UM PRECONCEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira.

BRASÍLIA
2013

CAMILA SCHREIBER CARVALHO
LUÍSA CÂMARA BEROCAN LEITE

**EU MACHISTA:
RETRATOS DE UM PRECONCEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira.

Banca Examinadora

Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. André Ramos
Examinador

Prof. Carlos Alberto Resende
Examinador

Brasília
2013

Dedicamos este trabalho a todas as mulheres que lutaram arduamente para que duas garotas como nós pudessemos estudar, cursar um ensino superior e decidir como gostariam de guiar as próprias vidas.

Camila Schreiber Carvalho e Luísa Câmara Berocan Leite

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Marcos. À pessoa que, antes de qualquer coisa, me ensinou sobre valores, caráter e personalidade. Sem ele, esse curso superior não seria possível e provavelmente nem a maioria das minhas conquistas até este momento – acadêmicas e profissionais. De seu jeito único, me incentivou a estudar, correr atrás dos meus sonhos e seguir a profissão que me fizesse querer levantar da cama todos os dias. Muita paciência, falta dela, incentivo, confiança e amor me fizeram chegar aqui. Ao meu maior exemplo.

Agradeço à minha parceira de trabalho de conclusão de curso, Luísa Leite. Parece óbvio, mas ela não contribuiu apenas com boas ideias para tornar o nosso produto o que idealizamos desde o início. Deu-me forças, puxou-me quando eu achei que não conseguiria e caminhou ao meu lado para uma grande vitória em nossas vidas profissionais e pessoais. Obrigada pela paciência, pelo bom humor, pelo companheirismo.

Ao nosso professor orientador, Luiz Cláudio, que leva essa característica não apenas no último trabalho da faculdade. Agradeço pela proximidade que criamos desde o início, pelas oportunidades que ele me proporcionou, pela confiança e pela paciência de esperar enquanto eu só “enrolava”. Por acreditar em mim e conseguir até me considerar colega de profissão enquanto eu estava apenas ali, tentando entender como ele consegue ser um profissional completo. Por todas as orientações que já me deu na vida, pela paciência e por ser esse grande amigo acima de educador.

A todos os colegas de curso, aos que simplesmente passaram por algum semestre aleatório e aos que ficaram até o final. Para estes, meus sinceros agradecimentos. Aos que fizeram ou não trabalhos comigo, aos que me agüentaram nas manhãs mais difíceis e tornaram o primeiro período do meu dia mais feliz.

Agradeço à Luísa Dantas, colega de trabalho que, sem qualquer interesse, ajudou-me na revisão deste material e também no debate do tema,

já que também fez monografia sobre o machismo. Além disso, obrigada pelo companheirismo no ambiente de trabalho e pelas risadas diárias, que ultrapassam qualquer problema que passamos diariamente.

Agradeço a toda a equipe do UniCeub. Aos professores, àqueles com quem tive uma boa e má relação e aos que não sabem até hoje e nunca vão lembrar meu nome. Eu lembro de todos que passaram pela minha vida acadêmica e sou grata pelos ensinamentos dentro e fora de sala. Aos que acharam que eu talvez não fosse capaz e, por isso, me tornaram. Aos funcionários, todos eles, que me aguentaram de bom e mau humor diariamente.

À minha mãe, às minhas irmãs. A toda a minha família, razão de vida.

Aos meus poucos e bons amigos.

Agradeço a Deus.

Camila Schreiber Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente aos meus pais, Ubajara e Janice, homem e mulher que desde cedo me ensinaram a buscar a felicidade em primeiro lugar. A eles devo tudo o que eu sei, tudo o que eu sou. Obrigada por todos os momentos que fizeram de mim uma filha muito apaixonada por vocês.

Mãe, você é a pessoa mais especial na minha vida. Obrigada por representar para mim a maior heroína de todas. Você é uma das mulheres mais incríveis que eu conheço e este trabalho foi feito pensando em cada dificuldade que você já passou e conquistou. Sou uma mulher mais forte graças a você.

Pai, a sua paciência sempre foi sua característica que eu mais admirei. O seu bom-humor e a sua capacidade de lidar com o mundo também sempre me mostraram que nem tudo deve ser um grande problema. Depois de quase vinte e dois anos, quero te agradecer pela primeira vez por ter me proporcionado a oportunidade de ser criada num ambiente livre do machismo.

Agradeço ao meu irmão Caio, por todas as brigas. Sem elas, eu não entenderia o verdadeiro significado de amor incondicional. Obrigada por ser muito mais do que um irmão.

À minha parceira de trabalho, Camila Schreiber, agradeço por ter me deixado fazer parte de um projeto tão inspirador. Saiba que o nosso trabalho mudou a minha visão a respeito do mundo e das pessoas, e eu nunca vou me esquecer de tudo o que aprendi nessa trajetória. Você é uma das outras grandes mulheres que tive o prazer de conhecer. Parabéns por ser tão brilhante e inteligente e obrigada por participar desse momento tão importante na minha vida. Eu faria outros mil trabalhos só para não ficar com saudades suas.

Ao meu namorado Rafael Carneiro, que está comigo desde os meus tempos de caloura. Sem a sua paciência e dedicação, eu não teria a calma

necessária para lidar com situações complicadas. Ao seu lado me sinto mais segura e você me faz muito feliz. Obrigada pelo seu amor, tão fundamental para mim.

Ao nosso professor orientador, Luiz Cláudio, sou muito grata desde o nosso primeiro semestre juntos. A forma como sempre me motivou e acreditou no meu potencial foi fundamental para que eu buscasse melhorar cada dia mais. Um dos profissionais que eu mais admiro no mundo, sempre me inspirou a usar tudo o que eu tenho de bom para ajudar quem precisa. Obrigada por todo o apoio que me deu como diagramadora do Esquina e como sua orientanda. Devo grande parte de qualquer sucesso futuro a você.

A todos os amigos que fiz ao longo do curso, dos quais tenho muito orgulho. Sou muito feliz por ter construído amizades tão importantes nesses últimos anos. Alguns ficaram para trás, outros desistiram de tudo, mas a grande maioria de vocês me marcou muito. Espero não perdê-los para os desencontros da vida.

À minha querida chefe, grande mulher que me ensinou tanto: Luciane Baldo. Aos meus demais colegas de trabalho, desde ACC até Vallya, agradeço pelo aprendizado e companheirismo.

Agradeço a toda equipe do UniCEUB. Professores, funcionários e técnicos que sempre me ajudaram com tudo que eu precisei. Aos queridos Samuel, Jackson e Aline, muito obrigada por me receberem sempre com um sorriso no rosto, mesmo em dias difíceis.

Agradeço a toda a minha família e aos meus poucos e bons amigos, pela compreensão demonstrada durante os últimos meses de estresse e ausência.

Posso parecer uma pessoa demasiadamente amorosa, mas tenho amor por cada um de vocês. Obrigada.

Luísa Câmara Berocan Leite

RESUMO

Este trabalho acadêmico apresenta a produção de documentário que retrata o preconceito de gênero ainda existente na sociedade brasileira atual. Tal discriminação, em suas diversas formas, ainda está presente nas atividades cotidianas, tanto de homens quanto de mulheres. O produto final apresentado busca demonstrar como o machismo, herança da sociedade brasileira, persiste em práticas que não são identificadas com tanta clareza. Para comprovar tal percepção, o documentário traz depoimentos de antropólogos, de psicólogos, de historiadores e de pessoas interessadas em combater essa diferença já estabelecida em nossa sociedade; os especialistas entrevistados conseguem descrever onde essas práticas surgiram e por quê.

Palavras-chave: Machismo. Preconceito. Documentário. Produto Jornalístico. Cultura. Sociedade Machista. Construção Sociocultural. Gênero. Sexualidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
1.1 Contextualização	11
1.2 Machismo e suas práticas	13
1.2.1 <i>Internet</i>	16
2 LINGUAGEM AUDIOVISUAL.....	18
2.1 Diferenças entre documentário x reportagem	19
3 APLICAÇÃO NO DOCUMENTÁRIO	22
4 DIÁRIO DE BORDO	24
4.1 Pré-produção, pesquisa, e festas.....	24
4.2 Entrevistas e filmagens	25
4.2.1 <i>Os entrevistados</i>	26
4.3 Edição e pós-produção.....	28
5 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS.....	312
APÊNDICE.....	331

1 INTRODUÇÃO

Imagina-se a seguinte situação: uma pessoa está dirigindo em uma cidade e algum motorista, posicionado em frente a ela, dá uma freada brusca para entrar do outro lado da pista. Sem perceber, essa pessoa supõe que aquele motorista, que tomou uma atitude irresponsável no trânsito, seja mulher. Um grupo de amigos se dirigia, naquele momento, para uma festa em que o ingresso de mulheres é muito mais barato que o de homens. O que são estas ações na vida do brasileiro? De onde surgiram tais suposições ou automaticidades quando se trata da mulher? Quem criou duas categorias de seres humanos onde um tem tratamento inferiorizado ou diferente em tantos aspectos diante do outro? Sobre esse prisma que foi fundamentado o filme apresentado aqui.

Conversas com homens e mulheres de diferentes classes sociais trilharam o caminho até a conclusão do presente documentário, que é descrito neste memorial. Aqui serão apresentados os conceitos fundamentais para o entendimento das práticas cotidianas de preconceito de gênero na sociedade brasileira, o melhor entendimento do significado e dos motivos para que essas ações sejam tão corriqueiras em nosso cotidiano.

1.1 Contextualização

Em nossa sociedade, são comuns distinções ou mesmo oposições entre os padrões comportamentais pertinentes de homens e mulheres. Essas exigências vêm de um processo de educação dos dois gêneros que, desde a infância, é feito de modo diferenciado. A sustentação da ideia de que “homem não chora”, “homem não brinca de boneca”, dentre outras, constrói nos meninos, desde cedo, uma identidade e características de invulnerabilidade e agressividade.

A sociedade brasileira surgiu, como destaca Darcy Ribeiro, da confluência, do entrelaço e do caldeamento do invasor português

com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. (RIBEIRO, 1995, p. 19).

Nesse sentido, ao longo da história do País e do mundo, há registros de povos que lutaram pela eliminação do racismo, da xenofobia, da substituição de uma cultura por outra estrangeira. Para que essas conquistas fossem possíveis, é fundamental que exista igualdade entre povos que congregam a diversidade sociocultural. Ora, os gêneros feminino e masculino não caracterizam duas categorias distintas de seres humanos. Por este pensamento de que são dois seres diferentes, a luta para o essencial exercício do direito das mulheres, assim como dos homens, começou na percepção da sociedade machista em que vivíamos.

Historicamente, não se sabe ao certo onde a prática machista começa na nossa sociedade. Entretanto, é possível verificar que várias condutas, como na família já caracterizam o machismo em sua essência:

A família se estrutura patricêntrica e poligínica, dominada pelo chefe como um grupo doméstico com pessoas de várias gerações; essencialmente, o pai, suas mulheres com as respectivas proles e os parentes delas. As índias atreladas ao grupo como cativas eram comborças do pai e dos filhos destes. Só aos poucos o casamento religioso se impõe como sacralização da mãe dos filhos legítimos, entre as mulheres de cada homem. (RIBEIRO, 1995, p. 368)

O minidicionário Aurélio Escolar traz os conceitos de homem e mulher:

- a) Ho.mem. *sm* 1. Qualquer indivíduo da espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano. 2. A espécie humana; a humanidade. (AURÉLIO, 2001, p. 367)
- b) Mu.lher *sm* 1. Ser humano do sexo feminino. 2. Esse mesmo ser após a puberdade. 3. Esposa. (AURÉLIO, 2001, p. 475)

Os conceitos apresentados demonstram explicitamente a superioridade do homem sobre a mulher, mesmo que em significado. O ser masculino como o maior e mais complexo na escala evolutiva e, em outro contexto, a mulher apenas como sinônimo de “esposa”. A sustentação da noção do que são as

figuras do feminino e do masculino é uma característica machista por parte dos pontos apresentados. Isso evidencia que o machismo está presente em nossa cultura em diversas formas, desde um conceito em um dicionário até a violência do homem contra a mulher, reafirmação da superioridade de um sobre o outro.

Como se discutiu na Convenção para Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979), “o preconceito contra a mulher fere os princípios da igualdade de direitos e do respeito da dignidade humana”. A conduta machista constitui um obstáculo para o bem-estar social e para o exercício pleno de direitos das mulheres na sociedade. São muitas as vertentes que demonstram como o machismo ainda pauta os valores ensinados e reproduzidos na sociedade brasileira. A partir dessa visão, é inevitável destacar a importância da discussão do que o machismo realmente representa e como implica em práticas de desigualdade e preconceito. Mas É fundamental ressaltar, sobretudo, e de acordo com os entrevistados para o trabalho, que essa relação de segregação de gênero é sustentada por homens e também por mulheres.

O machismo configura também a ideia de que os mesmos direitos não devem ser aplicados aos dois gêneros, como se as diferenças biológicas entre eles fossem motivo para se estabelecer a discriminação. Além dos direitos legais e civis, ainda nota-se que o brasileiro exige das mulheres comportamentos vistos como naturais que não são sequer esperados dos homens.

1.2 Machismo e suas práticas

Ao reconhecer um contexto histórico em que se verifica a existência e construção do machismo na sociedade brasileira, a discussão contemporânea procura entender de onde surgem as condutas de preconceito e como se inserem em nosso cotidiano. De acordo com as entrevistas e a bibliografia lida, as mulheres foram historicamente conduzidas à segregação social e política.

Isso teria desencadeado diversos processos contra a opressão da mulher, mas também deixou traços na percepção humana do que a mulher significa em um contexto social e, a partir de uma construção cultural, qual é o seu “papel”.

Ao inserir a mulher no ambiente escolar, um local que produz, intuitivamente, diferenças, distinções e desigualdades, conseguimos perceber nitidamente esta divisão.

Tal ‘naturalidade’ tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem ‘precisar’ demais espaço do que elas parecem preferir ‘naturalmente’ as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de ‘invadir’ os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na ‘ordem das coisas’. (LOURO, 1997, p.60)

O brasileiro está acostumado a aceitar uma diferenciação, seja de raça, classe, gênero ou sexualidade, por viver em um contexto cultural em que é possível e comum se “encaixar” em certos preconceitos. Se uma pessoa está inserida em uma cultura machista, naturalmente terá comportamentos e pensamentos machistas. Segundo os autores, pode existir um processo de “fabricação” dos sujeitos de uma forma muito sutil.

Guacira Lopes Louro (1995, p. 63) questiona se é realmente “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas. É preciso aceitar que a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? É de se esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão como “características” de cada gênero?

O Sistema de Pesquisa de Emprego e Desemprego (Sistema PED) do Ministério do Trabalho e Emprego desenvolveu um estudo sobre a inserção das mulheres nos mercados de trabalho metropolitanos e sobre a desigualdade nos rendimentos salariais de acordo com o sexo, demonstrando claramente a presença de machismo no campo profissional. Dados de 2012 comprovam que,

ainda no século XXI, mulheres têm menor ganho médio por hora do que os homens.

Tabela 1: Rendimento médio real¹ dos ocupados^{2,3} no trabalho principal segundo sexo: Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2011 e 2012

Regiões	Em Reais de Novembro de 2012								
	2011			2012			Variação Relativa 2012/2011 (em %)		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Belo Horizonte	1.497	1.710	1.251	1.460	1.687	1.209	-2,5	-1,3	-3,4
Distrito Federal	2.186	2.517	1.828	2.270	2.598	1.914	3,8	3,2	4,7
Fortaleza	982	1.123	809	1.030	1.173	853	4,9	4,5	5,4
Porto Alegre	1.551	1.752	1.312	1.561	1.776	1.313	0,6	1,4	0,1
Recife	1.078	1.242	885	1.121	1.282	931	4,0	3,2	5,2
Salvador	1.113	1.267	943	1.071	1.206	922	-3,8	-4,8	-2,2
São Paulo	1.626	1.912	1.300	1.695	1.990	1.363	4,3	4,0	4,8

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

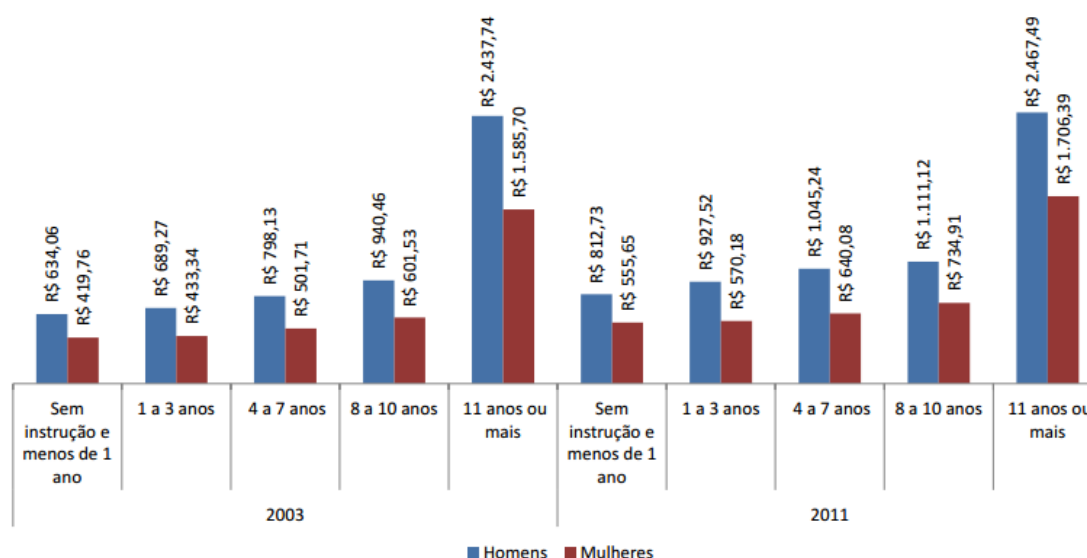
(1) Inflatores utilizados: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEVBA; ICV-DIEESE/SP.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensais que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Excluídos os ocupados que não trabalharam na semana.

A Pesquisa Mensal de Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, publicada em março de 2012 confirma que as mulheres, independente da quantidade de anos de estudo, em média, recebem menos que os homens.

Figura 1 - Rendimento médio real habitual da população ocupada, por grupos de anos de estudo, segundo o sexo - (2003 e 2011)*



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.

*Média das estimativas mensais.

Os dois exemplos acima demonstram como socialmente o machismo é considerado aceitável por homens e mulheres em tais condutas. Não se sabe o porquê de mulheres ganharem menos que homens – tal ação acontece no ambiente de trabalho e é vivida no cotidiano normalmente.

1.2.1 Internet

A internet surge como espaço para debate de questões importantes, como o preconceito, e apresentação de novos pontos de vista:

Se o *Facebook* possibilita novas práticas de sociabilidades, é correto afirmar que a relação mediada pelo uso da internet acaba modificando a maneira de ver, consumir e fazer comunicação, principalmente através dessas comunidades ou páginas dentro das redes sociais digitais. (SOUZA; SOUZA, 2013).

Várias comunidades na rede social *Facebook* estão dispostas para criar debates sobre esta prática – machismo - e sobre como ela poderia e pode ser combatida em diferentes contextos. Utilizando como base a comunidade “Coletivo Chute”, formado por um grupo de alunos e ex-alunos da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), o grupo, como descrevem os próprios criadores, é um espaço para lutar contra aquilo que tanta gente acha “normal” e, por isso, acaba deixando pra lá. As práticas machistas que estão em nosso cotidiano não são percebidas tão facilmente quanto o preconceito explícito no ambiente de trabalho anteriormente apresentado. São condutas, ações e reações automatizadas por essa “naturalidade” machista no indivíduo brasileiro.

Os participantes do grupo discutem questões de notícias em portais, por exemplo, de veículos de comunicação respeitados nacionalmente. Quando se vê uma publicação como “Não sou seu pai porque sua mãe não tinha troco para R\$50” (reproduzido por uma das integrantes do Coletivo), homens e mulheres inseridas naquele espaço têm oportunidade de debater como esta prática, velada ou não, aparece no mundo virtual como reflexo do que vivemos no mundo real.

Na análise do grupo, pode-se perceber a reprovação de tais publicações e também os comentários machistas nas publicações de mesmo cunho. Entende-se melhor pela análise que o fato de somente por “curtir” a página, o indivíduo já expressa um juízo de valor sobre o assunto, sobre feminismo ou machismo, mesmo que inconsciente. A ação social praticada por cada indivíduo pode ter várias interpretações na sociedade mas cada ação tem um motivo e existem diferenças gritantes entre elas. (SOUZA; SOUZA, 2013,)

2 LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Nossa sociedade convive diariamente com os mais diversos temas e situações delicadas: religião, preconceito, valores individuais e preferências políticas são alguns deles. Não são assuntos de fácil abordagem, especialmente por conterem aspectos complexos na definição de cada um desses conceitos. Qualquer documento que se elabore para explorar as questões citadas, e outras relacionadas, precisa conter estudos aprofundados e análises bem feitas sobre o que se apresenta. Mesmo com isso, é grande a chance de que o tema trabalhado não fique claro, nem seja explanado de forma superficial.

Uma das maiores dificuldades para quem busca tratar de assuntos como o preconceito é não conseguir alcançar a verdade na opinião das pessoas. Quando se lê um texto, de qualquer natureza (reportagem, artigo, pesquisa, ou outros), o leitor interpretará o conteúdo de acordo com os próprios valores e conceitos com os quais já vive. Estes valores e conceitos individuais já foram inicialmente impressos no texto pelo próprio autor, que expressa opinião própria no material, podendo ou não ser a mesma do leitor. A escolha das palavras, a ordem das informações e o teor de cada expressão utilizada configuram ferramentas das quais o escritor dispõe para marcar sua opinião, mesmo que de forma sutil e quase imperceptível. Segundo Roger Silverstone, a esse fenômeno, se dá o nome de mediação.

A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, colaboramos para sua produção. (SILVERSTONE, 2005, p. 33)

Essa dificuldade de transmissão de mensagem poderia, segundo o autor, justificar o fato de produtos audiovisuais conseguirem atingir essa meta de forma mais concreta. Durante uma entrevista que será transmitida em formato de vídeo ou áudio, os valores do entrevistador pouco influenciarão na espontaneidade de quem responde. Nesse aspecto, a linguagem audiovisual

consegue imprimir de maneira mais fiel e dinâmica o tema abordado pelo autor. Considera-se comunicação audiovisual toda aquela que utiliza componentes visuais e sonoros de forma conjunta. A linguagem pode ser vista e ouvida. Por isso, a escolha do vídeo documentário.

Parte-se aqui de uma premissa de que o machismo nem sempre é claro aos olhos de todos nós. O brasileiro, povo explorado no conteúdo do vídeo, foi criado por uma educação recheada de valores e conceitos trazidos de um passado que remete aos tempos de colonização. Tais valores são pautados em ideias de que a mulher é inferior ao homem. Mesmo no século 21, com muitas vitórias já conquistadas para o grande número de mulheres no país, a sustentação da diferença de gênero ainda é muito visível no comportamento das pessoas. Como então explorar esses comportamentos sem comprometer a autenticidade dos entrevistados? É nesse sentido que a linguagem audiovisual se torna tão fundamental.

A partir da realidade imediata proporcionada pelo registro de imagens, é possível passar para o espectador detalhes determinantes de uma entrevista, por exemplo, que um texto impresso não passaria. Com o formato de vídeo documentário, a experiência de ver a reação de uma pessoa diante de determinada pergunta, ouvir a emoção de suas palavras, perceber olhares e gestos faz com que o público sinta o conteúdo de forma mais real, um dos objetivos das autoras do produto.

2.1 Diferenças entre documentário x reportagem

É muito comum que se confunda um documentário com uma reportagem. Ambos buscam abordar seus temas de forma aprofundada, pautando-se na captura de imagens, expressões, falas e gestos que apresentam a realidade do que se registra. Esses registros têm funções discursivas distintas quando inseridos em documentário ou em grande reportagem.

O documentário é realizado com o objetivo bem claro de apresentar recortes da realidade. Baseando-se em um fato principal, o documentarista imprime no conteúdo do vídeo um tom de explicação, expõe imagens e depoimentos que comprovam o que se pretende dizer. Segundo Jean Jacques Jaspers, na obra *Jornalismo Televisivo*, o documentário é elaborado essencialmente na primeira pessoa, apresentando então parcialidade. Ele explica que o documentário “fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem ou o inquérito escondem esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade” (JESPERS, 1998, p.175).

O caráter autoral do documentário explica a subjetividade presente enquanto na reportagem, o jornalista procura camuflar essas marcas utilizando mecanismos como a apresentação de diferentes pontos de vista para criar a noção de imparcialidade exigida em trabalhos jornalísticos.

A notícia e a reportagem precisam de um repórter/narrador que exerça o papel de relatar os fatos para o público. Já no documentário, isso não é obrigatório. Os depoimentos no produto podem ser alinhados uns aos outros de forma que constituam uma linha explicativa que torna a presença de um narrador desnecessária.

A temática proposta é mais uma diferença que se identifica nos dois tipos de trabalho. A escolha dos assuntos que serão trabalhados nas reportagens televisivas é feita de acordo com os critérios de noticiabilidade. É baseando-se neles que profissionais do jornalismo definem acontecimentos e fatos que são classificados como notícias ou não. Nem tudo que uma redação recebe como sugestão de pauta vale a pena ser veiculado.

No livro *Introdução ao Jornalismo*, publicado em 1959 por Fraser Bond, destacou-se a maneira como os fatos são capazes de despertar o interesse do público e captar sua atenção. O autor verifica a existência de doze situações as quais chama de valores jornalísticos das notícias. Ao se tratar de: pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); uma história incomum (raridade); relacionada ao governo (interesse nacional); fatos que afetam o

bolso (interesse pessoal/econômico); casos de injustiça que provocam indignação no público; grandes números de mortes ou bens perdidos (catástrofe); notícias que causam emoção (drama); interesse para um grande número de pessoas (notícias que afetam muita gente); grandes quantias de dinheiro; descobertas em qualquer setor (tecnologia, infraestrutura, biologia, saúde) e assassinato (crime/violência).

Outros autores apontam para diferentes aspectos dos acontecimentos que fazem com eles sejam noticiáveis, mas a grande maioria deles reforça a importância da proximidade (geográfica e cultural), da identificação social (se é possível identificar o leitor com o fato e se é possível que aconteça com ele), a intensidade (mortes e altos valores), e o ineditismo na abordagem. Existem, portanto, regras para a escolha do conteúdo que será transmitido em um telejornal.

Para o documentário, critérios de noticiabilidade não limitam a temática trabalhada. O documentarista possui a liberdade para escolher qualquer assunto que queira abordar. “As temáticas abordadas podem respeitar a qualquer aspecto da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo” (PENAFRIA, 1999, p. 24).

Segundo o *Dicionário de Comunicação*, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, o documentário é um filme baseado em fatos verídicos, aspectos da natureza e da vida humana, realizado com objetivos essencialmente científicos, culturais, informativos e didáticos.

O documentário é o mais antigo gênero cinematográfico e não se limita simplesmente ao registro dos fatos, ambientes ou situações que lhe servem de tema; pode também comentar, opinar, propor interpretações sociológicas, psicológicas, políticas, etc. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p.238)

Em geral, a grande diferença entre a notícia de um telejornal e o documentário é o objetivo da produção: enquanto a reportagem é temporária e factual, o documentário pode, além de informar, fornecer ao público uma nova perspectiva até mesmo sobre assuntos semelhantes.

Segundo Nichols (2005, p. 17), “do documentário, não tiramos apenas prazer, mas uma direção também”. Seria como se a condução do filme buscasse um caminho próprio para promoções de reflexões, debate e conhecimento de assunto pouco explorado em profundidade. Desse incômodo, nascem histórias com mais tempo e documentos.

3 APLICAÇÃO NO DOCUMENTÁRIO

No produto *Eu, machista: retratos de um preconceito*, tentamos aplicar o conceito de machismo e de “feminino” e “masculino” como dois seres diferentes e tratados de forma distinta na sociedade. Mostramos também como essa dicotomia é criada para que ações sejam aceitas por homens e mulheres de forma natural, mascarando o preconceito.

Podemos perceber, de forma mais simples, a presença do machismo no dia-a-dia do brasileiro. Tomando como base conceitos e práticas já aqui apresentados, pudemos abordar homens e mulheres não sobre o tema em si, mas primeiramente sobre as relações entre eles. Sem sequer citar a palavra “machismo”, conseguíamos perceber o preconceito inserido naquele contexto em que o personagem estava. Muitos não admitiam serem machistas, outros não sabiam ao certo se aquele comportamento era preconceituoso. Esta é uma dúvida que qualquer ação velada traz: ela está ali e, sem um olhar clínico, não é percebida por quem pratica.

Estudiosos da área trouxeram exemplos ainda mais difíceis de perceber nas práticas cotidianas. Vemos, pela seqüência demonstrada no documentário que, a partir de um contexto histórico, pode se trazer para a contemporaneidade um conservadorismo que não mais se aplica na época em que estamos. A tradição e a educação da família são confundidas com preconceitos que não deveriam estar mais inseridos em nosso cotidiano.

Diferente de livros, o gênero audiovisual tem poder afetivo, dinâmico e agregador. Nesse sentido, os conceitos e os exemplos associados ao preconceito velado podem ser explorados da melhor forma possível, ilustrando bem a ideia de demonstrar como essas práticas estão presentes em nosso cotidiano.

4 DIÁRIO DE BORDO

A produção do vídeo documentário *Eu, machista* ocorreu ao longo dos meses de junho, agosto, setembro e outubro de 2013. No decorrer deste período, realizamos três etapas:

- a) pré-produção, pesquisa sobre o tema e registro de festas;
- b) escolha dos especialistas entrevistados e filmagens;
- c) edição e pós-produção.

A partir dessa divisão de fases, pudemos nos organizar para conversar com o maior número de pessoas, e para entender as mais diversas opiniões antes de realizarmos entrevistas com especialistas. Dessa forma, pudemos focar nosso trabalho em um dos muitos segmentos da temática sobre diferenças de gênero.

4.1 Pré-produção, pesquisa sobre o tema e registro de festas

O passo inicial do trabalho foi definir a abordagem do filme. Uma temática baseada apenas no “machismo” seria mais ampla do que pretendíamos estudar. Optamos, enfim, por explorar as práticas cotidianas da sociedade brasileira que são carregadas de antigos pensamentos sexistas. Tais práticas podem estar presentes na vida real e na internet, e podem ser exacerbadas, como também sutis e veladas, e nelas focamos nosso documentário.

Foram consideradas notícias, publicações nas redes sociais e em portais, além de autores que abordam as diferenças de gênero. Feito uma contextualização histórica e cultural, as pesquisadoras passaram a observar a maneira como as pessoas conhecidas por elas lidam com essas diferenças. Foi notado certo preconceito com relação ao comportamento adotado pela atual

sociedade feminina de Brasília em festas e bares. O mesmo tipo de comportamento foi julgado como normal quando partido de homens.

Baseadas nessa expectativa diferenciada, traçamos uma estratégia para sairmos em pesquisa de campo. A ideia era registrar em eventos voltados para o entretenimento o que as pessoas presentes acham ser apropriado para mulheres e para homens.

Entramos em contato com os proprietários da casa de *karaokê* Cantar e Cantar e da Roda do Chopp para solicitarmos autorização para gravação durante eventos nos locais. Além disso, a organização do Churedes (festa organizada pelo curso de Engenharia de Redes da Universidade de Brasília) permitiu que gravássemos os convidados.

A partir dos depoimentos que colhemos, foi possível definir como gostaríamos de montar o filme e o que queríamos apresentar.

4.2 Entrevistas e filmagens

Para escolher os especialistas que gostaríamos de entrevistar, entramos em contato com a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres. Diante de uma longa insistência sem retorno, buscamos outros meios para conversarmos com professores e profissionais que pudessem acrescentar conhecimentos ao nosso projeto.

Recebemos da Assessoria de Imprensa da Universidade de Brasília a sugestão de entrevistarmos a professora e doutora em Psicologia, Maria Helena Fávero. Buscamos também alunos engajados nos movimentos de luta pela igualdade de gênero, como a Marcha das Vadias. Conversamos com vários estudantes que pesquisam a área. Cada um deles tinha uma dificuldade de horário, mas todos nos indicaram outros alunos e muitos professores que poderiam falar sobre o tema.

Por questões de disponibilidade, decidimos conversar com a antropóloga Viviane Junqueira, com as professoras de Psicologia Simone Lima e Ana Flávia

Madureira, com a professora de História Susane Rodrigues e com o especialista em segurança da informação, Ulysses Machado. Apesar do nosso esforço em conversarmos também com profissionais homens, nenhum dos professores recomendados retornou o nosso contato. Os alunos escolhidos foram a estudante de Psicologia e participante do movimento LGBT, Larissa Vásques, e o estudante de Direito, Aurélio Faleiros, ambos da UnB.

As filmagens para o documentário foram todas realizadas pelas pesquisadoras. Os locais para as filmagens dos especialistas foram escolhidos de acordo com a preferência de cada um deles. As primeiras imagens gravadas foram ainda em junho, durante a Marcha das Vadias, evento que ocorre apenas uma vez ao ano.

4.2.1 Os entrevistados

Por ordem alfabética, os entrevistados no filme *Eu, machista* são:

Ana Flávia Madureira cursou doutorado sanduíche em Psicologia na Universidade de Brasília, e na Clark University, nos Estados Unidos, além de pós-doutorado na Universidad Autónoma de Madrid, na Espanha. Defendeu sua tese de doutorado com o título *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Atualmente é professora do curso de graduação e curso de mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília. Ana Flávia realiza pesquisas sobre preconceitos como racismo, homofobia e machismo. A entrevista com a professora foi realizada na sala dos professores da Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde da instituição, no dia 16/10 às 19h30, com duração de 46 minutos.

Aurélio Faleiros é estudante da graduação em Direito na Universidade de Brasília. Defensor da luta por direitos iguais entre homens e mulheres, Aurélio é mineiro e veio para Brasília estudar. Desde que chegou, três anos atrás, sempre participa do encontro conhecido como Marcha das Vadias. O evento é organizado essencialmente pelas redes sociais e busca criar um espaço seguro para que se possa defender a luta por direitos iguais para as

mulheres. O aluno nos concedeu entrevista no dia 20/10, às 16h na Faculdade de Direito da UnB, com duração de 23 minutos.

Larissa Vásques, estudante da graduação em Psicologia na UnB, atua diretamente com casos clínicos. Engajada diretamente no movimento LGBT, Larissa está no final do curso e é homossexual assumida. Ela explica que no preconceito de gênero o mais comum é que as características da mulher sejam sempre vistas como inferiores. Dessa forma, um xingamento suficientemente ruim para um homem é possuir alguma característica tipicamente feminina. A entrevista ocorreu no dia 16/10, na cobertura do prédio onde Larissa mora, às 22h, com duração de 40 minutos.

Maria Helena Fávero é professora do Instituto de Psicologia da UnB desde 1987. Em 1984 ela havia concluído curso de doutorado em Psicologia e Ciências da Educação pela Université de Toulouse II (Le Mirail), na França, e em 2002 cursou pós-doutorado em Psicologia do Desenvolvimento Humano na Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. Autora do livro *Psicologia do Gênero: psicobiografia, sociocultural e transformações*, Maria Helena nos concedeu entrevista em sua sala no Instituto de Psicologia da UnB, no dia 22/10, às 10h da manhã, com duração de 40 minutos.

Simone Gonçalves de Lima é graduada em Biologia Molecular e cursou mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela UnB. Fundadora da organização de proteção aos animais ProAnima, Simone participa também de movimentos LGBT. Professora assistente no Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da UnB, ela defende não só a igualdade entre todas as pessoas, mas também luta pelo direito dos animais. Simone nos recebeu no Café Corbucci, do qual é sócia, no dia 19/10, às 17h, para entrevista com duração de 40 minutos.

Susane Rodrigues de Oliveira é graduada pelo Centro Universitário de Brasília, e cursou mestrado e doutorado em História pela UnB. Suas principais áreas de pesquisa são: história das mulheres, história dos Incas, história da América Indígena, estudos feministas e de gênero e representações sociais. É

autora do livro *Por uma História do Possível: Representações das Mulheres Incas nas Crônicas e na Historiografia*, publicado em 2012. Susane é professora adjunta no Departamento de História da UnB na área de Teoria e Metodologia do Ensino de História. A entrevista com a professora foi realizada no dia 21/10, às 18h, em sua sala no Departamento de História da UnB.

Ulysses Alves de Levy Machado é graduado em Direito pela UnB e cursou também o The Minerva Program, pela George Washington University. Mestre em Direito Privado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi premiado no “ConSERPRO 2004” com o trabalho *A dimensão jurídica do software livre e sua aplicabilidade como forma de equilíbrio na construção de um domínio genuinamente público*. É advogado do Serviço Federal de Processamento de Dados, onde atua nas áreas de Direito do Trabalho, Direito Administrativo, Direito em Tecnologia da Informação, Gestão de Segurança da Informação e Propriedade Intelectual. Atualmente é coordenador-geral de Segurança da Informação da instituição.

Viviane Junqueira dos Santos é antropóloga graduada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita. Especialista em educação e gestão ambiental, Viviane é sócia administradora da empresa Semear Educação, responsável por projetos em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, como o *Água – Conhecimento para Gestão*. Ela nos concedeu entrevista de 50 minutos no dia 09/09, em sua própria casa, às 14h.

4.3 Edição e pós-produção

A última etapa do processo de realização do documentário *Eu, machista* contou com o apoio da equipe de edição do Centro Universitário. Depois de escolhidas as falas de cada um de nossos personagens, além das imagens que gostaríamos que cobrissem os *offs* das entrevistas, estávamos prontas para colocar tudo em ordem. Nossa principal preocupação era encaixar cada fala para se complementar. Dessa forma, construímos uma narrativa que acreditamos explicar bem o conteúdo que escolhemos abordar.

Decidimos separar o documentário em blocos nos quais os especialistas falam de temas distintos. O primeiro deles é uma contextualização histórica sobre como o machismo chegou ao Brasil, e sob quais circunstâncias ele se instaurou nos valores da sociedade brasileira.

Em seguida, montamos um bloco sobre a escola. Depois de conversarmos com todos os especialistas, notamos que a maioria deles abordou a escola como uma instituição que reforça a diferença social entre homens e mulheres. Percebemos nisso a necessidade de criarmos um bloco que tratasse do assunto.

Demos sequência com um bloco sobre a internet e os usos que a sociedade dá a ela. Apesar de ser uma ferramenta que proporciona o anonimato para os usuários, ela cria também espaços para debate e discussões sobre qualquer que seja o tema.

Como quarto bloco, preferimos reunir todos os exemplos apontados tanto pelos especialistas, quanto pelos alunos entrevistados e pelos depoimentos gravados em festas. Entender a forma como a sociedade trata as práticas discriminatórias é fundamental para que se possa entender porquê certos conceitos se mantêm.

Para finalizarmos nosso filme, escolhemos falas que tratassem especialmente das vias que a sociedade brasileira precisa seguir para poder se libertar da herança negativa que ainda carrega.

5 CONCLUSÃO

A partir dos depoimentos dos cidadãos comuns e dos especialistas recolhidos para a realização desse produto, foi possível perceber que o machismo, seja ele velado ou não, é uma construção social. Ninguém nasce com conceitos e ideias definidos, mas isso é importado para a mente humana desde muito cedo, seja pela família, pela escola, pela religião ou pela sociedade em geral. O brasileiro aprendeu a seguir valores patriarcais que oprimem as mulheres.

Nota-se também que a construção social de preconceitos, por exemplo, pode funcionar como um escudo para justificar tal conduta. Se uma criança cresce em uma comunidade machista, mesmo que ela venha a entender as implicações dessa discriminação no futuro, ela sentirá que está “autorizada” a manter esse preconceito. Trata-se do tão conhecido “se todos fazem, posso fazer também, mesmo que pareça errado”.

Os especialistas entrevistados evidenciaram ainda uma forma de depreciação da mulher que atinge as crianças de maneira praticamente impossível de ser evitada: na escola. Para quem estuda anos e se aperfeiçoa na área pedagógica, ser chamada de “tia” é uma desqualificação intensa de suas capacidades. Ao crescerem e ingressarem no ensino médio, a presença de professores homens se torna mais comum na vida dos estudantes. Sem que percebam, é plantada na mente dos jovens a ideia de que, para ensinar conteúdos intelectuais, os homens são mais qualificados, enquanto as mulheres trabalham melhor com conteúdos emocionais.

Apesar de todos esses valores serem mantidos na sociedade desde sua colonização pelas próprias pessoas, eles podem ser desconstruídos, e os responsáveis por isso são exatamente essas mesmas pessoas. Para que qualquer coisa melhore, é preciso que alguém queira mudar. Essa luta por alterações pode se dar a partir de debates, manifestações, reforma educacional e várias outras formas de protestos. Outros trabalhos sobre o tema podem e

devem ser feitos com outras linguagens e plataformas. O jornalismo de ativistas ou não carrega ideologias que têm relação direta com a necessidade social: quanto mais se conhece um assunto ou se toca nele, mais se mobiliza para a diminuição de condutas desconexas da democracia.

Se considerarmos que as conquistas femininas se iniciaram anos atrás, podemos acreditar que, em alguns anos à frente, o que se tem hoje também pode ser alterado. Para que se reelabore um conceito, é fundamental que a população passe a aceitar novos discursos, que devem buscar o respeito e a igualdade entre todos. Há que se entender que essa luta por direitos iguais é uma luta também por direitos humanos. Não existem perspectivas de futuro para uma sociedade em que metade da população é depreciada e discriminada pela outra metade, apenas por não serem iguais.

REFERÊNCIAS

BOND, F. Fraser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

DELMANTO, Renato. Diferenças entre documentário e reportagem. Disponível em http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Onibus_174_documentario_Xreportagem.pdf Acesso em: 14 maio 2013.

JESPERS, Jean-Jacques. Jornalismo Televisivo . Coimbra: Minerva, 1998.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação. Disponível em < <http://educacaoemhomofobia.files.wordpress.com/2009/03/nuh-educacao-genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf> > Petrópolis: Vozes, 1997.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 2007.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em www.bocc.ubi.pt

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário de Comunicação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a Mídia? São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUZA, Paolla dos Santos; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. "Moça, você é machista": novas perspectivas sobre gênero, identidade e identificação no Facebook. 2013. 12f. Artigo para Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades de Belo Horizonte. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2013.

APÊNDICE

ROTEIRO – EU, MACHISTA: RETRATOS DE UM PRECONCEITO

Abre sequência de depoimentos de pessoas em festas e boates. Músicas variadas ao fundo, gravadas pelo microfone ambiente.

CLAUDIVAN: “Dessa forma, traz para ela uma imagem que não é a mais adequada.” (00’01” – 00’06”)

LAISA: “Eu adoro usar roupa curta, acho bonito.” (00’06” – 00’09”)

PATRÍCIA: “Eu falei para ele que eu viria só para dançar. Eu não venho para a putaria.” (00’09” – 00’14”)

JÉSSICA: “Pretendo pegar muitos. Quero curtir bastante.” (00’14” – 00’18”)

MARÍLIA: “A mulher é mais reservada do que o homem.” (00’18” – 00’21”)

Entra montagem de letras bagunçadas que em seguida formam o texto:

NOME: MULHER

IDADE: QUALQUER

FUNÇÃO: ☐ SER MULHER

☒ SER O QUE QUISE (quadrado marcado com um X)

Entram letras que formam o título do filme.

Imagem de quatro quadros preenchidos por olhos e bocas de pessoas diferentes. as quatro imagens mudam para outras quatro imagens quatro vezes (00’21” – 00’44”)

SIMONE: “A chegada dos portugueses. Quer dizer, a chegada do que a gente chama de Brasil. O início do que a gente chama de Brasil necessariamente foi um início classista, racista e machista, né? A mulher, naquele contexto histórico, a mulher era propriedade do homem.” (01’02” – 01’23”) GC: SIMONE LIMA - PROF. DE PSICOLOGIA.

SUSANE: “Na sociedade que a gente vive o machismo, ele vem como resultado de uma série de discursos e de práticas.” (01’23” – 01’31”) GC: SUSANE RODRIGUES - PROF. DE HISTÓRIA

VIVIANE: “Foi criado o casamento como uma forma de exercer um domínio sobre essa questão da herança. Ou seja, o casamento era a única forma que os homens tinham de saber que aquele filho era exclusivo dele.” (01’31” – 01’45”) GC: VIVIANE JUNQUEIRA - ANTROPÓLOGA

MARIA HELENA: “O patriarcado, ele não se mostra só na questão machista de dizer “bom, o homem é mais ou é menos ou etc”. Não, ele se mostra muito claramente na manutenção do ambiente público/privado. Público, tudo que diz respeito ao homem, porque ele é o sujeito ativo. E privado, tudo que diz respeito a mulher, porque ela é a pessoa passiva.” (01’45” – 02’23”) GC: MARIA HELENA FÁVERO - PROF. DE PSICOLOGIA

SUSANE: “O feminino, ele aparece como natureza, como algo ligado à emoção. Algo que precisa ser controlado e domesticado. Então já começa daí surgir uma concepção binária a respeito do corpo. O corpo feminino e o corpo masculino como diferentes. O homem diferente da mulher.” (02’23” – 02’43”)

MARIA HELENA: “As mudanças elas não se dão de uma hora para outra. O que a gente deveria estar se perguntando é por que que isso acontece, e por que que determinados conceitos são mantidos.” (02’43” – 02’59”)

ENTRA MONTAGEM REDUZIDA COM OS QUATRO QUADROS COM OLHOS E BOCAS (02’59” – 03’04”). Separação de um novo bloco, um novo assunto.

ANA FLÁVIA: “Menino tem que brincar com brinquedo de menino. Menina tem que brincar com brinquedo de menina. E muitas vezes as pessoas não se dão conta que são exatamente nessas práticas corriqueiras que a gente está construindo fronteiras simbólicas rígidas que delimitam o que se espera da masculinidade, o que se espera da feminilidade.” (03’05” – 03’24”) GC: ANA FLÁVIA MADUREIRA, PROF. DE PSICOLOGIA

SIMONE: “É muito mais, vamos dizer assim, admitido e esperado das meninas que elas sejam boazinhas, que elas sejam dóceis. E a gente ouve coisas como “nossa, essa menina parece até um menino de tão bagunceira.” (03’24” – 03’40”)

MARIA HELENA: “Não é a toa que dentro de uma universidade como a Universidade de Brasília, por exemplo, você tem cursos como enfermagem, pedagogia, psicologia, letras, etc, como um número imenso de meninas e um número reduzido de rapazes. E nós temos, por outro lado, as áreas de ciências e tecnologia com um número muito grande, um número predominante de meninos, e um número muito pequeno ainda de meninas”. (03’40” – 04’16”)

AURÉLIO: “São cursos majoritariamente masculinos. Isso vem mudando ao longo do tempo, mas talvez ainda sejam ambientes opressores para mulheres”.
GC: AURÉLIO FALEIROS, ESTUDANTE DE DIREITO. (04’16” – 04’25”)

SUSANE: “A escola ela vai funcionar também como um desses dispositivos de poder. De construção dessa concepção das mulheres como seres inferiores, como seres descontrolados, que precisam ser domesticados”. (04’25” – 04’40”)

SIMONE: “Num contexto que eu estou muito próxima que é o contexto escolar, existem expectativas diferentes em relação ao gêneros. Então mesmo diante, por exemplo, de uma aluna minha que é estudante de física. Quer dizer, hoje já é formada em física, é doutora em física. Quando ela foi fazer o trabalho de campo dela, um professor de física do ensino médio virou para ela e disse ‘Ah, essa turma que você vai observar agora é fraca, porque quase só tem menina’. Diante de uma estudante de física”. (04’40” – 05’13”)

ANA FLÁVIA: “Por exemplo, as vezes as meninas se destacam na escola e é muito comum a menina ouvir afirmações do tipo: ‘ela é dedicada, é esforçada, é estudiosa’. Mas raramente ‘ela é brilhante, ela é inteligente’”. (05’13” – 05’27”)

SIMONE: “A própria construção cultural que a gente tem de que só mulheres dão aula no ensino infantil e fundamental. Chamá-las de tia é machista. Porque

quando você diz que uma professora é uma 'tia', você está desqualificando ela como educadora. Quem é a tia? É aquela pessoa que não precisa ter formação, aquela pessoa que está fazendo um favor de cuidar de alguém". (05'28" – 05'59")

SUSANE: "Com a escola como sendo um lugar também de construção dessas diferenças". (05'59" – 06'05")

Entra montagem com quatro quadros preenchidos por olhos e bocas e pessoas diferentes, na versão mais curta.

ULYSSES: "A modernidade oferece, ou se vende como um veículo de progresso. E na verdade, ela vende tudo isso como um enfeite de veludo cobre e encoberta a violência. Encoberta desvalorização do outro". GC: ULYSSES MACHADO, ESPECIALISTA EM SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO (06'11" – 06'33")

VIVIANE: "E se eu olhar, por exemplo, para a internet, o que é a história da pornografia? Que são as mulheres dispostas assim, pedacinhos de fotos de carne dispostas a qualquer negócio. Isso também é machismo". GC: VIVIANE JUNQUEIRA, ANTROPÓLOGA. (06'34" – 06'48")

ANA FLÁVIA: "Ela pode sim ser uma ferramenta para reproduzir e disseminar visões preconceituosas contra diferentes grupos que são historicamente discriminados. Pode e, infelizmente, também funciona nessa direção". (06'49" – 07'01")

ULYSSES: Jogou na web? Você pode tirar do Google, você pode tirar do YouTube, você pode tirar de determinados sites específicos, mas você não tira da web". (07'01" – 07'13")

SIMONE: "O fenômeno, por exemplo, que é a Marcha das Vadias, que é um fenômeno que eu acho importantíssimo. Um espaço de questionar a falta de liberdade das mulheres nas ruas, não apenas no discurso, mas fazendo um espaço seguro. Essa possibilidade dessa organização eu acho que pré-internet teria sido difícil, ou a internet e principalmente as redes sociais facilitam muito

essa organização”. GC: SIMONE LIMA, PROF. DE PSICOLOGIA (Imagens da Marcha das Vadias de junho de 2013. Pessoas com seus cartazes na passeata). (07’14” – 07’50”)

Entra montagem com quatro quadros preenchidos por olhos e bocas e pessoas diferentes, na versão mais curta.

AURÉLIO: “No Brasil se tem uma cultura muito de negar o machismo. O que se admite enquanto machismo no Brasil é só aquele machismo exacerbado, o máximo. O machista é só o cara que bate na mulher”. (07’56” – 08’08”)

LARRISA: “Por que que vagabundo é vagabundo e vagabunda tem outra conotação? Puto tem uma conotação, puta tem outra conotação. O cara é galinha, a mulher é galinha. E todas da mulher puxando para a questão da sexualidade”. GC: LARISSA VÁSQUES – ESTUDANTE DE PSICOLOGIA (08’09” – 08’19”)

Abre depoimento em festa.

ENTREVISTADOR: “Você namoraria alguma menina que você conheceu aqui?” (com legenda). (08’19” – 08’22”)

BRUNO: “Sim, se pintar uma menina que eu apaixone”. GC: BRUNO MARQUES (08’22” – 08’26”)

ENTREVISTADOR: “Mesmo se você fosse o terceiro cara que ela estivesse pegando?” (com legenda). (08’27” – 08’28”)

BRUNO: “Não, aí não né?”. (08’29” – 08’30”)

ENTREVISTADOR: “Mas por que não? Vamos supor que você tivesse pegado duas meninas antes, e ela pegou dois caras antes” (com legenda). (08’31” – 08’36”)

BRUNO: “Ah, então pode ser”. (com legenda) (08’36” – 08’37”)

ANA FLÁVIA: “As relações desiguais entre homens e mulheres, essas relações não são sustentadas só por homens. As relações desiguais de gênero são sustentadas por homens e por mulheres”. (08’39” – 08’47”)

Abre seqüência de depoimentos.

MARÍLIA: “Eu acho as vezes muito vulgar, eu não gosto. Na minha opinião eu acho que a mulher, ela tem que se dar valor, tem que se controlar”. GC: MARÍLIA SIQUEIRA (08’48” – 08’55”)

ANA CAROLINA: “Se eu tenho um namorado, eu não vou sair com um decote e com uma saia”. GC: ANA CAROLINA PEREIRA (08’55” – 08’58”)

VÂNIA: “Eu acho que vem da família mesmo. A própria família imprime isso na mulher, né? O ‘senta direito, fecha as pernas, você não pode sentar assim, seja menina, seja feminina’”. GC: VÂNIA MACARON (08’59” – 09’11”)

SUSANE: “Acabou se naturalizando no imaginário das pessoas a ideia de que é normal que as mulheres sejam controladas, sejam subjugadas, e até mesmo violentadas pelos homens”. GC: SUSANE RODRIGUES – PROF. DE HISTÓRIA (09’12” – 09’23”)

Abre seqüência de depoimentos em festa.

PATRÍCIA: “Se eu estiver junto com ele, ele não vai achar ruim não. Mas se eu começar a sair meio sozinha, ele já vai começar a...”. GC: PATRÍCIA SANTOS (09’24” – 09’31”)

CLAUDIVAN: “A roupa da pessoa é muito... deve ser condizente com a idade que ela tem né? A pessoa bastante jovem e tal, eu acho assim, aceitável usar uma roupa um pouco mais curta”. GC: CLAUDIVAN JUNIOR (09’31” – 09’45”)

LEONARDO: “Eu me considero seguidor de um princípio que hoje está sofrendo mudanças. Não sei se isso é machismo, mas eu ainda sigo um princípio, e eu cresci com ele. O princípio é que, por exemplo, a mulher pegar muitos caras, ela vai ser taxada como uma, digamos, uma galinha né? E eu

ainda sigo isso. Eu não acho legal. Eu não namoraria uma mulher da balada”.
GC: LEONARDO AZEVEDO (09’46” – 10’17”)

MARIA HELENA: “Qual que é o centro do pensamento machista? É que todas as características femininas são depreciadas”. GC: MARIA HELENA FÁVERO – PROF. DE PSICOLOGIA (10’17” – 10’27”)

LARISSA: “O critério de diagnóstico para você definir uma mulher como ninfomaníaca, ou viciada em sexo, é que essa mulher possua a mesma quantidade de desejo ou de atividade e frequência sexual ou masturbatória que um homem comum”. (10’28” – 10’44”)

SIMONE: “E se a menina demonstra interesse em sexualidade, ela é culpabilizada. Tem todo um discurso moralista, de que não se dá o respeito, de que é puta, de que se veste como”. (Imagens de casal dançando) (10’44” – 11’00”)

Abre depoimento em festa.

JÉSSICA: “Eu faço isso. Eu acho normal, minhas amigas fazem. Eu acho que cada um faz o que quiser, tem meninas que gostam mais de pegar só um menino, tem umas que gostam de pegar mais, mas eu acho normal”. GC: JÉSSICA FERREIRA (11’01” – 11’10”)

ENTREVISTADOR: “Mas você já foi muito julgada por isso? Se você pega mais de um cara, aí o que falam de você?” (com legenda). (11’10” – 11’15”)

JÉSSICA: “Falam muito. ‘A piriguete, pega todos, a fácil’, mas eu não ligo”. (11’15” – 11’19”)

MARIA HELENA: “A socialização gendrada, ela mantém essa dicotomia de homem e mulher. Ela mantém a divisão público e privado, porque ela cria então meninos dentro da ideologia da masculinidade, cujo valor central é a invulnerabilidade. E cria meninas dentro da ideologia da feminilidade, cujo ponto central é a fragilidade e o apego”. (11’20” – 12’03”)

Abre depoimento em festa.

LEONARDO: “Eu acho que a regra é válida para um e para o outro, mas a sociedade não vai permitir isso. Se a mulher fizer, está errado”. (12’04” – 12’12”)

ANA FLÁVIA: “O que que são também as piadinhas maldosas, a fofoca, se não estratégias de controle informal muito eficientes?” (12’13” – 12’21”)

Abre depoimento em festa.

CLAUDIVAN: “Se a ideia fosse realmente ficar e tal, ficaria com maiores restrições né? Saber que uma pessoa passa com A, com B, com C, com D, você fica, mais restrito”. (12’21” – 12’31”)

ANA FLÁVIA: “Essas questões de gênero... As questões de gênero são relativas à construção cultural da masculinidade, a construção cultural da feminilidade. Tais questões estão presentes culturais cotidianas”. GC: ANA FLÁVIA MADUREIRA – PROF. DE PSICOLOGIA (12’32” – 12’45”)

PAULO MATHEUS: “A nossa festa é open bar, então as mulheres bebem menos em geral. E, outro motivo, ter mais mulheres em uma festa... o ingresso mais barato atrai mais mulheres para a festa, e o fato de ter mais mulheres na festa, vem mais homem, que são os que pagam mais caro. Então é meio que um ciclo vicioso, uma coisa atrai a outra”. (Imagens da festa Churedes) (12’46” – 13’04”)

ANA FLÁVIA: “O verbo ajudar não é dividir responsabilidades. Ajudar é você dar uma forcinha. Implicitamente, em termos de quais significados culturais subjacentes? Quem é responsável é a mulher. O homem dá uma focinha, ajuda um pouquinho”. (13’04” – 13’20”)

AURÉLIO: “Você coloca a mulher como se ela não fosse um sujeito. É como se ela fosse uma atração da festa. Porque ela paga mais barato, vai ter mais mulher. Então é como se fosse um *plus* da festa, entendeu? Não é uma pessoa que vai estar ali, é uma atração, uma decoração digamos”. GC: AURÉLIO FALEIROS – ESTUDANTE DE DIREITO (13’21” – 13’33”)

ENTREVISTADOR: “Como se fossem mais opções né?” (com legendas). (13’34” – 13’35”)

AURÉLIO: “É, exatamente. Mais opções, onde você pode escolher, caçar. Como se não fossem sujeitos”. (13’35” – 13’41”)

MARIA HELENA: “Um dia eu perguntei ‘mas fulano, afinal de contas, por que você fica na casa da sua mãe? Já que você tem o seu apartamento montado, por que você não vai para a sua casa?’. Aí ele olhou para mim, dando risada. Eu nunca vou esquecer a expressão no rosto dele. E ele disse assim: ‘você não conhece o milagre da cueca? O milagre da cueca é o seguinte: você acorda de manhã, você entra dentro do box, você toma banho, você larga a sua cueca dentro do box. Você sai, se troca e tal, vai trabalhar, passar o dia inteiro fora. A noite, você volta para casa e como por milagre, a cueca que você deixou dentro do box está lavada, cheirosa e passada dentro da sua gaveta de cuecas’. Então ele disse assim: ‘eu não vou morar sozinho’”. (13’41” – 14’37”)

Entra montagem com quatro quadros preenchidos por olhos e bocas e pessoas diferentes, na versão mais curta.

SIMONE: “Nada mais é do que a ideia de que as mulheres não existem para servir e satisfazer aos homens. Essa ideia que parece simples, e ao mesmo tempo é muito radical”. (14’47” – 14’58”)

AURÉLIO: “Se você não discute sobre isso, e para tentar parar de reproduzir esse tipo de opressão, você acaba caindo no senso comum mesmo, que é o que a nossa cultura determina. Que é o machismo, que se reproduz a todo momento”. (14’59” – 15’12”)

ANA FLÁVIA: “As pessoas dizem no cotidiano que não, a gente não precisa se preocupar com machismo, nem com homofobia, isso não existe. Como assim não existe? Sim, existe sim e é importante a gente debater, discutir e pensar estratégias para mudar esse quadro”. (15’12” – 15’31”)

MARIA HELENA: “Eu sempre uso a palavra reelaboração. Esse machismo que nós vivemos então, esse patriarcado contemporâneo que nós vivemos é que tem que mostrar para nós como reelaborá-lo”. (15’31” – 15’48”)

SIMONE: “Por isso que eu acho muito estranho quando as pessoas dizem coisas como ‘Ah isso é cultural, não vai mudar’, porque a cultura é exatamente o que muda no ser humano”. (15’48” – 15’59”)

AURÉLIO: “Eu acho que o combate ao machismo se faz todo dia, em ações que podem ser das mais diversas. O combate ao machismo pode ser num diálogo, ou pode ser numa manifestação, pode ser num gesto”. (16’00” – 16’12”)

SUSANE: “É preciso também construir outros discursos, que quebrem, que rompam com essa ideia de que existe uma natureza feminina e uma natureza masculina. É preciso quebrar com essa concepção binária”. (16’12” – 16’24”)

SIMONE: “Eu acho que ter essa esperança também ajuda a gente a ganhar, sabe? Porque a gente tem que... Eu acho que a esperança é algo subjetivo que tem consequências concretas”. (16’25” – 16’40”)

MARIA HELENA: “As transformações, elas serão tão mais rápidas, quanto mais rápido a gente começar a alterar o modo como a gente está criando nossas crianças”. (16’40” – 16’55”)

SIMONE: “A diferença biológica, fisiológica não pode ser utilizada como uma chancela para desigualdade em termos de direitos”. (16’55” – 17’06”)

VIVIANE: “Tudo isso são coisas construídas. A gente podia não ter construído nada disso, porque foi a mente humana que criou todas essas coisas” (17’07” – 17’14”).

LARISSA: “Ninguém precisa ser isso ou aquilo. Você pode ser qualquer coisa”. (17’14” – 17’18”)

Sobe música Down With The Ship e créditos finais.

CRÉDITOS FINAIS

Trabalho de Conclusão de Curso: Comunicação Social - Jornalismo

Roteiro, produção, imagens: Camila Schreiber Carvalho e Luísa Câmara Berocan Leite

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Apoio Técnico: Rafael Carneiro de Oliveira

Supervisão Técnica: Jackson Sena

Edição: Aline Santiago, Roney Lara e Samuel Lima

Entrevistados:

Ana Carolina Pereira

Ana Flávia Madureira

Aurélio Faleiros

Bruno Marques de Sousa

Claudivan Junior

Jéssica Ferreira

Larissa Vásques

Leonardo Azevedo

Maria Helena Fávero

Marília Siqueira

Patrícia Santos

Simone Lima

Susane Rodrigues de Oliveira

Ulysses Machado

Vânia Macaron

Viviane Junqueira dos Santos

Músicas:

Bill Newman - Down With The Ship

Bobby Cole - Southern Authority

Coordenador do Curso de Comunicação Social: Manoel Henrique Moreira